

# Descartes, Heidegger e a razão

Antonio Cicero debate com Maurício Tuffani

Três artigos:

“Irracionalismo”, de Antonio Cicero

“O tabu em torno da razão”, de Maurício Tuffani

“Heidegger, Descartes e a razão”, de Antonio Cicero

## Irracionalismo

Antonio Cicero

*Folha de S. Paulo*, 15.5.2010

### ***Heidegger lhes pareceu tão capaz quanto Marx para desprezar a realidade capitalista***

A história da filosofia clássica -e, em particular, da metafísica- ocidental pode ser entendida como o desenvolvimento gradual de uma crítica radical, feita pela razão, à autoridade tanto da tradição quanto do carisma. Descartes, por exemplo, como dizia Alexandre Koyré, preparou "a mais formidável arma de guerra contra a autoridade e a tradição". Kant afirmava que absolutamente tudo devia ser submetido à crítica, sob pena de perder a credibilidade.

Ora, quem acredita nas narrativas de intelectuais "pós-modernistas", como Foucault, Derrida, Deleuze ou Agamben, acredita que os filósofos clássicos e, sobretudo, Descartes produziram um pensamento conservador e repressivo.

Penso que, em grande parte, isso se deve à influência de Heidegger. É verdade que Deleuze não se refere tanto a ele, mas, ao tentar liquidar o conceito de sujeito, ele prossegue o gesto de Heidegger, como observa Agamben, para quem "a história das relações entre Heidegger e Deleuze -também via Blanchot, trâmite de muito heideggerianismo inconsciente na filosofia francesa contemporânea- ainda tem que ser feita".

Foi através de pensadores franceses que Heidegger readquiriu, e até superou, seu prévio prestígio intelectual. Paradoxalmente -mas também compreensivelmente-, em parte isso talvez tenha a ver justamente com o feroz anticartesianismo do seu pensamento.

Suponho que não sejam poucos os estudantes franceses que se sintam oprimidos e enojados pelo consenso nacional e secular em torno de Descartes e pela obrigação de conhecer de trás para a frente as "Regras", o "Discurso", as "Meditações", os "Princípios". Heidegger os vinga, pois acusa Descartes de ter inaugurado a metafísica moderna da subjetividade.

Segundo Heidegger, a partir do cogito, de Descartes, o "eu" humano torna-se o único sujeito, para o qual todas as demais coisas são reduzidas a objetos. Concebido como

autoconsciência, o sujeito é interiorizado e fechado, ou oposto ao mundo, exceto na medida em que este lhe possa ser instrumental.

Para Heidegger, essa instrumentalização do mundo, em que todas as coisas e, em última análise, os próprios seres humanos viram meros dispositivos, manifesta-se tanto no mundo terrorista do socialismo real e do nazismo quanto no que considera a desolação espiritual dos EUA.

Mas me parece que o namoro desses intelectuais franceses de esquerda com Heidegger tem, mais ainda, a ver com o fato de que, dadas as revelações sobre os regimes terroristas de Stálin, Mao Tsé-tung, Pol Pot etc., e dado o colapso da União Soviética, tenha-lhes parecido preferível abandonar de cabeça erguida o marxismo, trocando-o por um modo de pensar pretensamente ainda mais radical do que ele.

Com certeza, a filosofia de Heidegger lhes pareceu pelo menos tão capaz quanto a de Marx, tanto de diagnosticar (mas com maior "profundidade") a realidade (tida por eles como insuportável) do mundo capitalista e liberal em que vivemos, quanto de desprezá-la.

Além disso, é possível, com Heidegger, desdenhar (mas, igualmente, com argumentos mais "profundos") não só o que, desde o marxismo, esses intelectuais, em maior ou menor medida, já haviam considerado como o embuste da democracia, dos direitos humanos etc., mas também o humanismo, o conceito de homem, de sujeito, a razão.

De fato, Heidegger, por meio de um de seus famosos passes etimológicos, chega a tentar relativizar o conceito de razão ("ratio"), tal como empregado pela tradição filosófica, considerando-o como mais superficial do que o seu sinônimo alemão, ("Vernunft"), com o argumento infame de que este, derivado do verbo "vernehmen", "escutar", seria mais "auscultante" do que aquele...

A desqualificação da tradição filosófica não poderia mesmo deixar de se acompanhar de uma desqualificação da razão, uma vez que essa tradição consistiu exatamente no desdobramento da razão ao ponto máximo de sua ambição. Em Deleuze, Foucault e Derrida, o irracionalismo de esquerda é ainda envergonhado e não ousa dizer o seu nome.

Mas hoje, com Alain Badiou, por exemplo, ele é descarado. Vitalista, voluntarista e fideísta, como convém a um irracionalista, Badiou, emulando o apóstolo Paulo, prefere os acontecimentos milagrosos à racionalidade, a verdade dogmática à argumentação, a fé à razão.

E, segundo seu camarada Slavoj Žižek, "a força incomparável do pensamento de Badiou supera de longe tudo o que se publicou na França nos últimos anos". Pobre França!

# O tabu em torno da razão

Maurício Tuffani

Folha de S. Paulo, 26.5.10

## *O pensador alemão Martin Heidegger problematiza as próprias noções de verdade e de razão, ou seja, ele as recusa como absolutas*

Em seu artigo "Irracionalismo" (**Ilustrada**, 23/5), o colunista Antonio Cícero contestou os que acusam Descartes de ser autor de um pensamento conservador e repressivo.

Mas o fez atribuindo indevidamente a Martin Heidegger um "feroz anticartesianismo" e também a "desqualificação" da tradição filosófica e da razão. Com o devido respeito ao colunista, suas imputações ao pensador alemão do século 20 são simplificações falseadoras, assim como as próprias acusações ao filósofo francês do século 17.

Descartes é uma das melhores provas da fragilidade da famosa 11ª das "Teses sobre Feuerbach", de Marx: "Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo. Cabe transformá-lo". É inegável o papel revolucionário do cartesianismo na consolidação do ideário que dessacralizou o mundo e possibilitou submetê-lo aos rumos da burguesia em ascensão.

Heidegger não deixou de reconhecer o valor do pensamento moderno. Não faria sentido o rótulo "anticartesianismo", mesmo sem o adjetivo "feroz". Leitura cuidadosa de suas obras desautoriza a mostrá-las com uso do prefixo "anti".

Aliás, como disse ele em "Sobre o Humanismo", de 1947, "no âmbito do pensamento essencial, toda oposição é supérflua".

Em relação especificamente a Descartes, a obra principal de Heidegger, "Ser e Tempo" (parágrafo 24), ressalta não ser contestação à validade da concepção de certeza do pensador francês. Trata-se, isso sim, de mostrar a noção cartesiana não como essência da certeza, mas como derivação dessa essência.

Em outras palavras, Heidegger problematiza as próprias noções de verdade e de razão. Ou seja, ele as recusa como absolutas. Mas isso -que o colunista não aceita- não é desqualificar a razão nem a ciência, a técnica e a modernidade.

"Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo", disse o pensador alemão em 1949, numa palestra para uma plateia não especializada, publicada com o título "Serenidade".

Sua objeção é outra: "Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos". Há muitas críticas contundentes a Heidegger.

Aqui mesmo, no Brasil, um de seus ex-alunos, o gaúcho Ernildo Stein, destacou que seu pensamento se torna vulnerável quando é preciso fazer juízos históricos sobre o aqui e agora.

E acrescentou: "A tentação de se apresentar como profeta, enquanto se é filósofo, além de absurda, é ridícula. E Heidegger nem sempre consegue fugir a essa tentação". Por sua vez, Carlos Alberto Ribeiro de Moura, da USP, apontou na leitura heideggeriana de outros filósofos, especialmente de Nietzsche, a "tortura dos textos para extorquir-lhes "confissões" ao gosto do intérprete". Por falar em Nietzsche, vale lembrar que, em "Além do Bem e do Mal" (parágrafo sexto), ele destacou que toda filosofia esconde intenções morais.

Sejam quais forem as de Antonio Cícero, elas parecem fazer do questionamento da razão um tabu.

## **Heidegger, Descartes e a razão**

**Antonio Cícero**

*Folha de S. Paulo, 29.5.2010*

### ***Heidegger assegura que Descartes representa "o início de uma mais ampla decadência da filosofia"***

Em artigo intitulado "Irracionalismo", publicado há duas semanas nesta coluna, observei que, paradoxalmente, uma das explicações para a enorme influência de Heidegger sobre tantos intelectuais franceses parece ser justamente o seu feroz anticartesianismo.

Além disso, relacionei o irracionalismo que identifico nesses intelectuais "pós-modernistas" com a relativização a que o autor de "Caminhos de floresta" tenta submeter o próprio conceito de razão.

Esta semana, o sr. Maurício Tuffani publicou na Folha um artigo intitulado "O tabu em torno da razão", em que, por um lado, afirma ser indevida minha atribuição a Heidegger de um feroz anticartesianismo e, por outro lado, pretende questionar minha crítica à tentativa heideggeriana de relativizar a razão.

Confesso que o artigo me surpreendeu. Supõe-se que alguém que se arvore em defensor de determinado autor tenha um grande interesse nele, de modo que, além de ter lido ao menos algumas de suas obras, conheça e admire o teor geral do seu pensamento.

Ora, as palavras do sr. Tuffani evidenciam que ele não leu nem conhece, ainda que indiretamente, a obra do autor que pretende socorrer. Não há outra explicação possível para sua declaração de que, em relação a Heidegger, "não faria sentido o rótulo "anticartesianismo", mesmo sem o adjetivo "feroz"."

Digo isso porque um dos pontos em torno do qual há praticamente consenso entre os comentadores de Heidegger é exatamente quanto ao caráter anticartesiano da obra do "Mestre da Floresta Negra". É que Heidegger considera Descartes o fundador da metafísica moderna da subjetividade. Essa metafísica, segundo ele, leva às últimas consequências aquela que, iniciada na antiguidade, com Platão, identifica-se com o que o autor de "Ser e tempo" considera o "esquecimento do ser". Heidegger pensa, ademais,

que toda a filosofia moderna, inclusive a de Nietzsche, é refém da interpretação cartesiana do ente e da verdade. Ora, o pensamento de Heidegger pretende lutar exatamente contra esse esquecimento, do qual supõe decorrer o nihilismo moderno, "o sombreamento do mundo, a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do ser humano, a suspeita rancorosa contra tudo o que é criador e livre". É evidente, portanto, que tal pensamento não poderia deixar de se constituir fundamentalmente contra a interpretação cartesiana do ente e da verdade: ergo, contra Descartes.

Naturalmente, reconhecer alguém como seu inimigo fundamental é antes respeitá-lo do que desprezá-lo. E embora, ao contrário do que o sr. Tuffani afirma, Heidegger nem sequer mencione Descartes no parágrafo 24 de "Ser e tempo", ele dedica os parágrafos 19, 20 e 21 do livro -e incontáveis parágrafos de outras obras- a atacar o filósofo francês.

Se isso não basta para qualificar de "feroz" o anticartesianismo de Heidegger, lembro que ele, em "As questões fundamentais da filosofia", queixa-se da importância que é dada, nas universidades alemãs, ao estudo de Descartes, pois assegura que esse filósofo representa "o início de uma mais ampla decadência fundamental da filosofia".

No meu artigo, eu dera um exemplo da tentativa de Heidegger de relativizar o conceito de razão, tal como empregado pela tradição filosófica. Tentando rebater-me, o sr. Tuffani diz que "Heidegger problematiza as próprias noções de verdade e de razão. Ou seja, ele as recusa como absolutas". Ora, sr. Tuffani, o que é recusar uma coisa como absoluta senão relativizá-la?

Concluindo seu artigo, o sr. Tuffani, citando a tese de Nietzsche de que toda filosofia esconde intenções morais, afirma que as minhas, sejam quais forem, "parecem fazer do questionamento da razão um tabu".

Primeiro, confesso não entender como alguém que pense desse modo não tenha explicitado nem as intenções morais que o levaram a assim pensar, nem as que o levaram a afoitamente criticar meu artigo e tentar relativizar a razão e a verdade.

Segundo, observo que o questionamento da razão não é um tabu; contudo, como todo questionamento é feito pela própria razão, é evidente que esta, ao se questionar, não pode deixar de se afirmar.

Terceiro, chamo atenção para o fato de que defender a razão, assim como defender a liberdade de pensamento contra o dogma, já constitui indiscutível obrigação moral.